



Discos fonográficos como fonte de pesquisa: uma metodologia de análise, com ênfase nas gravações acústicas brasileiras (1902-1927)

Sandor Christiano Buys¹

Resumo: Em um cenário de crescente interesse pela música das primeiras décadas do século XX e com o objetivo de dar suporte a pesquisas musicológicas e a procedimentos curatoriais de manutenção de acervos sonoros, aqui é proposta uma metodologia para análise de discos fonográficos de 78 rpm, enfatizando os discos gravados por meios mecânicos no Brasil (1902-1927), mas que se aplica a discos de outras épocas e origens. Os procedimentos propostos tem como princípio que os discos em sua materialidade não são apenas meros suportes dos fonogramas, são sim importantes fontes de pesquisa que devem ser cuidadosamente analisados através de métodos claramente expostos. A parte central da metodologia consiste de uma proposta de normatização para transcrição das informações presentes no selo e no corpo dos discos. Um glossário de termos morfológicos e uma tipologia dos selos fonográficos brasileiros da fase das gravações acústicas é fornecida, incluindo ilustrações da maior parte deles.

Palavras-chave: Fonografia; disco 78rpm; indústria fonográfica; música brasileira.

Phonographic records as a source of research: an analysis methodology, with emphasis on Brazilian acoustic recordings (1902-1927)

Abstract: Against a backdrop of growing interest in the music of the first decades of the 20th century and with the aim of supporting musicological research and curatorial procedures for maintaining sound collections, this article proposes a methodology for analyzing phonograph shellac discs, with an emphasis on acoustic Brazilian recordings (1902-1927), but which can also be applied to records from other eras and origins. The proposed procedures are based on the principle that discs in their materiality are not just mere supports for phonograms, but important sources of research that must

¹ Sandor Buys é professor, músico, compositor, doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente desenvolve o projeto Discografia Brasileira – Os Pioneiros, com apoio do Instituto Moreira Salles.

be carefully analyzed using clearly explained methods. The central part of the methodology consists of a proposal to standardize the transcription of the information on the label and the body of the discs. A glossary of morphological terms and a typology of Brazilian phonographic labels from the acoustic recording phase is provided, including illustrations of most of them.

Keywords: Phonography; shellac disc; phonographic industry; Brazilian music.

Los discos fonográficos como fuente de investigación: una metodología de análisis, con especial atención a las grabaciones acústicas brasileñas (1902-1927)

Resumen: En un contexto de creciente interés por la música de las primeras décadas del siglo XX y con el objetivo de apoyar la investigación musicológica y los procedimientos curatoriales de mantenimiento de colecciones sonoras, este artículo propone una metodología de análisis de discos fonográficos de 78 rpm, con énfasis en los discos grabados por medios mecánicos en Brasil (1902-1927), pero que también puede aplicarse a discos de otras épocas y orígenes. Los procedimientos propuestos se basan en el principio de que los discos, en su materialidad, no son meros soportes de fonogramas, sino importantes fuentes de investigación que deben analizarse cuidadosamente utilizando métodos claramente explicados. La parte central de la metodología consiste en una propuesta de normalización de la transcripción de la información que figura en la etiqueta y en el cuerpo de los discos. Se ofrece un glosario de términos morfológicos y una tipología de etiquetas fonográficas brasileñas de la fase de grabación acústica, incluyendo ilustraciones de la mayoría de ellas.

Palabras clave: Fonografía; disco de goma laca; indústria fonográfica; música brasileira.

1. Introdução

A tecnologia de digitalização do som tem permitido a ampla disponibilização de fonogramas gravados em discos de 78 rpm², o que vem descortinando para as novas gerações todo um universo musical que existiu nas primeiras décadas do século XX. É crescente o número de iniciativas de digitalização de acervos fonográficos, desde projetos internacionais de grande abrangência³ até uma variedade de propostas institucionais e particulares de menor monta. No Brasil, o Instituto Moreira Salles, que passou a salvaguardar os notáveis acervos pessoais de José Ramos Tinhorão, Humberto Franceschi e Leon Barg, disponibiliza online grande parte dos fonogramas da música brasileira gravados em discos de 78 rpm entre 1902 e 1964⁴, através do projeto Discografia Brasileira, que representa uma continuidade do esforço dos pesquisadores Alcino Santos, Gracio Barbalho, Jairo Severiano e Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), que publicaram a Discografia Brasileira – 78 rpm, em 1982 (Santos *et al.*, 1982). É importante mencionar também o projeto do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa (MUSECOM), que

² A rotação dos discos pioneiros apresentava certo grau de variação, não era sempre 78 rpm, mas no Brasil é amplamente aceito referir-se aos discos gravados com a tecnologia anterior ao advento dos microsulcos como discos de 78rpm, e não há porque neste momento questionar essa terminologia.

³ Por exemplo: <https://great78.archive.org/>; <https://charm.kcl.ac.uk/index.html>.

⁴ Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/>.

disponibiliza online fonogramas lançados pela Casa A Electrica, de Porto Alegre, na década de 1910⁵, procedentes do acervo pessoal do músico e pesquisador Hardy Vedana, que se dedicou a estudar os discos Gaúcho (Vedana, 2006). Desta forma, os fonogramas da música brasileira originalmente lançados em discos de 78 rpm são satisfatoriamente disponíveis on-line no momento, contudo, os discos em si permanecem indisponíveis para pesquisa, sendo ainda predominantemente um privilégio de colecionadores particulares o exame desse material, já que ainda não se formaram coleções públicas relevantes de discos no Brasil. A impossibilidade de examinar os discos limita sobremaneira a pesquisa, pois os selos e muitas marcas deixadas nas ceras durante o processo de fabricação usualmente trazem chaves que permitem rastrear elementos importantes, como local e data de gravação e prensagem e técnico de som responsável pela gravação; além disso, não permite que dados associados aos fonogramas, como título da composição, e nomes dos autores e intérpretes, sejam revisados com base nas informações presentes nos selos.

Neste trabalho são propostos procedimentos técnicos para análise, leitura e transcrição das informações disponíveis em discos fonográficos de 78 rpm, incluindo eventuais danos materiais. São enfatizados os discos brasileiros da fase das gravações acústicas, popularmente designados por “discos mecânicos”. O objetivo principal é criar uma metodologia que permita descrever os discos e assim mitigar o problema da indisponibilidade de coleções fonográficas, uma vez que a disponibilização de descrições detalhadas de discos através dos procedimentos propostos substitui em grande parte a necessidade de exame dos discos físicos. Cabe mencionar que a ausência de procedimentos específicos para a análise de discos tem gerado certas deficiências no acesso à informação em acervos sonoros, como os presentes no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional, onde os números de série e matriz dos discos não são citados, o que torna impossível a identificação correta de alguns discos⁶.

Discos citados. A coleção de origem dos discos utilizados nas ilustrações é citada pelo acrônimo da coleção, conforme mencionado a seguir: Arquivo Nirez, Fortaleza – NIREZ; Enrique Binda, Buenos Aires, Argentina – BINDA; Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro – IMS; Sandor Christiano Buys, Rio de Janeiro – SCB.

2. Exame do selo e do corpo de discos fonográficos

⁵ Disponível em: <https://acervos.musecom.rs.gov.br/casa-a-electrica/>.

⁶ Por exemplo, em ambos os acervos citados há discos gravados pela Casa Faulhaber, em selo Favorite, na década de 1910 que não podem ser identificados pelas bases de dados fornecidas pelas instituições guardiãs, nomeadamente: um disco com a música *Amor Ingrato*, cantada pelo Neco, citado no catálogo do fundo Franceschi (Silveira, 2013, p. 170), e um disco com a *Rapsódia brasileira* gravada pelo Arthur Castro, presente na base de dados do projeto Passado Musical da Biblioteca Nacional. Se o número de série e número de matriz deste discos fossem mencionados seria possível localizá-los na produção da Casa Faulhaber e ainda saber o local e data de gravação com bastante precisão, época de lançamento e mesmo o técnico de som responsável pelas gravações.

Em geral não há necessidade de procedimentos elaborados para o exame dos selos ou do corpo dos discos de 78 rpm. A inspeção simples é usualmente suficiente. Porém, o auxílio ao menos de uma lupa de mão é bastante recomendável, especialmente para discernir os detalhes das informações escritas na região central do disco, que ficam escondidas sob o selo, ou para examinar exemplares muito danificados. Se disponível, uma lupa estereoscópica de mesa pode facilitar muito o exame. Quando as informações escritas no selo estão com os caracteres apagados por desgaste, é útil o procedimento simples de variar o ângulo de incidência da luz sobre o disco ou umedecer levemente o selo, o que aumenta o contraste e permite distinguir melhor os caracteres. Para observar selos danificados também é útil digitalizar a sua imagem e, usando recursos de edição, ampliar e melhorar o contraste da imagem, de maneira que as informações se tornem mais legíveis.

Elementos inscritos na cera, especialmente quando estão pouco visíveis sob o selo do disco, podem ser acessados recobrando a área da inscrição com um papel fino e riscando delicadamente o papel com um lápis, de preferência de grafite macio. A informação inscrita fica decalcada no papel, em geral, com bastante eficiência.

3. Glossário de termos morfológicos

O estudo dos materiais associados aos arquivos sonoros – tanto propriamente os distintos tipos de suportes de registro do som, como os aparelhos de reprodução e objetos relacionados – requer o uso de uma série de termos, que acabam sendo numerosos quando se considera as tecnologias de gravação do som que se sucederam. Glossários terminológicos bastante completos e de fácil acesso nesse sentido são o de Sutton (2025, p. 707-711) e o desenvolvido pela *International Association of Sound and Audiovisual Archives* (IASA - Glossary), disponível em <https://www.iasa-web.org/cataloguing-rules/appendix-d-glossary>, que em grande parte é baseado no *Glossary of terms related to the archiving of audiovisual materials*, proposto em julho de 1994 pelo grupo de trabalho do *Round Table of Audiovisual Records*. Porém, ainda que bastante completos, esses glossários não dão conta de todo das estruturas observadas nas análises morfológicas aqui propostas para discos de 78 rpm, portanto, é necessário propor termos novos e adaptações. Os novos termos propostos são especialmente relacionadas ao detalhamento das estruturas que conduzem o braço do gramofone para fora da faixa gravada e o fazem parar na margem interna do disco, ao reconhecimento de elementos variáveis e invariáveis em determinados tipos de selos e a diferenciação de elementos impressos e manuscritos nas ceras dos discos.

É interessante considerar que existe no Brasil um vocabulário corrente específico relacionado à morfologia de discos de 78 rpm, que por ser mantido por tradição oral especialmente por colecionadores de localidades e tempos diversos, possui termos sinônimos e ambíguos. Por exemplo, *rótulo* e *selo* podem ser usados como sinônimos, assim como *chapa* e *disco*; o corpo do disco pode ser designado por *massa* ou *cera*; um disco pode ter dois *lados* ou duas *faces*. O glossário proposto tenta reunir um pouco da diversidade de termos existentes no Brasil sobre o assunto e sugerir novas designações para estruturas ainda não nomeadas correntemente. A posição tomada é de não eleger certos termos já consagrados

como mais corretos que outros, considerando que o uso dessa diversidade de nomes não causa mal-entendidos. Propor uma valoração arbitrária de termos poderia interferir no desenvolvimento espontâneo do jargão dos colecionadores, que por sua vez é muito interessante de ser entendido.

Arestas marginais. São arestas localizadas na margem interna e externa dos discos. Para fins descritivos podem ser chamadas respectivamente de aresta da margem externa (Figura 1) e aresta da margem interna (Figuras 2-4). Ocorrem comumente em discos da fase mecânica, porém não são observadas em discos posteriores, da fase elétrica. Aparentemente a função dessas arestas era conter o braço do gramofone, impedindo que ele resvalasse para fora do disco ou para o círculo central onde se localiza o selo.

Círculo central. Região central do disco, onde não há sulcos de gravação e onde o selo é colocado. Referido como *label area* no IASA-Glossary (acesso em 18/06/2025).

Cabeçalho do selo/rótulo. Conjunto de informações gráficas, incluindo textos e ornamentações, localizadas na metade superior do selo, que são invariáveis em um determinado tipo de selo. Em regra, inclui a marca da gravadora.

Cera. Uma das formas usuais de se referir ao corpo dos discos. Não se deve confundir com o termo *the wax*, como definido pelo IASA-Glossary (acesso em 18/06/2025).

Chapa. O mesmo que disco. Termo comumente utilizado no Brasil no início do século XX.

Código de matriz. Usualmente denomina-se de número de matriz o código numérico ou alfanumérico atribuído a determinado fonograma no momento da gravação. Para fins descritivos, em algumas ocasiões se considerou interessante usar o termo código de matriz quando o código dado à matriz é alfanumérico e número de matriz quando este código é estritamente numérico, ou ainda para se referir apenas à parte numérica de um código alfanumérico. É importante ressaltar que o termo número de matriz tem sido amplamente usado na literatura para códigos alfanuméricos.

Disco duplo / disco bifacial. Disco gravado em ambos os lados. Os termos *double-faced* ou *double-sided disc* são utilizados em língua inglesa (Barr, 1992, p. 168; Sutton, 2025, p. 708).

Disco simples / disco unifacial. Disco gravado apenas em um lado.

Faixa gravada. Região do disco onde estão os sulcos e as ranhuras que lidas por uma agulha reproduzem o som.

Freio do braço do gramofone. Estrutura que faz o braço do gramofone ficar parado na região central do disco depois de percorrer a faixa gravada, ou, comumente, acionar um mecanismo de freio do motor que faz o prato do gramofone girar. Normalmente é composta por uma aresta (aresta da margem interna), um sulco ou um par de arestas que definem um sulco entre elas.

Gravação lateral. Tecnologia de gravação sonora em que as ranhuras geradas pela agulha de gravação se localizam nas partes laterais dos sulcos. É a tecnologia mais avançada, usada em todos os discos de 78 rpm gravados comercialmente no

Brasil. Em língua inglesa comumente é referido como *lateral cut* (Sutton, 2025, p. 708).

Gravação vertical. Tecnologia de gravação sonora em que as ranhuras de gravação são localizadas no fundo do sulco. É a tecnologia mais antiga, usada em cilindros fonográficos e raramente em discos, como, por exemplo, usou a empresa francesa Pathé. Em língua inglesa comumente é referido como *vertical cut* (Sutton, 2025, p. 710).

Guia de finalização. Pode ser usado como sinônimo de sulco guia de finalização. É uma opção de termo para ser usado em casos em que a estrutura que guia o braço do gramofone ao centro do disco não é exatamente um sulco, mas sim uma aresta ou duas arestas paralelas definindo um sulco entre elas.

Impressos no corpo do disco. São referidos como impressos quaisquer elementos fixados com caracteres tipográficos na massa que forma o corpo do disco (Figuras 3-4). Por exemplo, é comum em grande parte dos discos o número de série estar impresso na margem interna; nos discos Favorite, além do número de série, o número de matriz é impresso na margem interna (Figura 8); a marca Made for Fonotipia é impressa no círculo central nas primeiras séries de discos Odeon da Casa Edison (Figura 11). Mais raramente, a cera traz informações constantes impressas, como acontece em discos Zonophone, em que a letra Z aparece gravada na região superior do círculo central, sob o selo (Figura 4).

Lead in / lead out. O mesmo que sulcos guias de inicialização e finalização (IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Manuscritos no corpo do disco. São referidos com manuscritos quaisquer elementos fixados manualmente com algum tipo de estilete na massa que forma o corpo do disco (Figuras 5-7). Por exemplo, o número de matriz era manuscrito no círculo central de muitos discos Odeon da Casa Edison; Saverio Leonetti, dono da Casa A Electrica, quando começou a atuar como técnico de som, deixava manuscritas as suas iniciais no círculo central das ceras que gravava (Figuras 6).

Margem externa. Região do disco sem sulcos de gravação que fica no limite externo do disco (Figura 1). É o local onde se coloca a agulha do disco para iniciar a reprodução. Nos discos mecânicos brasileiros comumente há uma aresta e/ou um sulco nesta região.

Margem interna. Região do círculo central do disco que fica entre a borda do selo e a região gravada do disco (Figuras 2-4). Nessa região frequentemente é impresso o número de série. Em língua inglesa pode ser referido como *run-out* (Barr, 1992, p. 169) ou *the wax* (IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Número de matriz / master. Número atribuído a determinado fonograma usualmente no momento da gravação. Às vezes, não é apenas um número, mas sim um código alfanumérico. É um termo amplamente utilizado (e.g. Barr, 1992, p. 168; Sutton, 2025, p. 708; IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025). Ver também código de matriz.

Número de série. Número atribuído ao fonograma quando ele é associado a uma série de lançamento; este número define a ordem de lançamento do disco. É o mesmo que número de catálogo.

Número de catálogo. O mesmo que número de série. *Catalogue / catalog number* ou *issue number* são termos amplamente utilizados em países de língua

inglesa (e.g. Barr, 1992, p. 168; Sutton, 2025, p. 707; IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Rodapé do selo. Conjunto de informações gráficas, incluindo textos e ornamentações, localizadas na metade inferior do selo do disco que são invariáveis em um determinado tipo de selo. O rodapé fica à volta das informações específicas do fonograma, que são, em regra, quase inteiramente localizadas na metade inferior do selo.

Rótulo. É o mesmo que selo (acepção 1) e talvez seja um termo tão utilizado quanto o seu sinônimo – selo. É também o mesmo que *label*, amplamente utilizado em língua inglesa (e.g. Barr, 1992, p. 168; IASA-Glossary, segunda acepção, acesso em 18/06/2025).

Selo. (1) Círculo de papel localizado na região central dos discos, que identifica a marca da gravadora e especificações sobre o fonograma. É sinônimo de rótulo e o mesmo que *label*, amplamente utilizado em língua inglesa (e.g. Barr, 1992, p. 168; IASA-Glossary, segunda acepção, acesso em 18/06/2025). **(2)** Marca fonográfica; pode ser utilizado também como sinônimo de gravadora. Exemplos: A Casa Edison lançou discos de música brasileira nos selos Zonophone, Odeon e Odeonette, e música estrangeira nos selos Fonotipia e Jumbo.

Sulco. Canal vincado pela agulha de gravação que imprime as ranhuras responsáveis pela reprodução do som. Pode-se chamar de *sulcos guias* os sulcos sem ranhuras de gravação, que tem a finalidade apenas de conduzir a agulha do gramofone para dentro ou para fora da região gravada do disco. O mesmo que *groove* ou *grooves* amplamente utilizado em língua inglesa (e.g. Barr, 1992; IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Sulco largo ou sulco grosso. Sulcos gravados nos discos de 78 rpm, que se contrapõe aos microsulcos (*microgrooves*) dos *Long Plays*. Não é um termo correntemente usado no Brasil, é uma tradução de *coarse groove*, como definido no IASA-Glossary (acesso em 18/06/2025).

Sulco guia de inicialização. Sulco sem ranhuras de gravação às vezes presente na margem interna que conduz a agulha aos sulcos de gravação. Em língua inglesa pode ser referido como *lead in* ou *run in groove* (Sutton, 205, p. 708; IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Sulco guia de finalização. Sulco sem ranhuras de gravação localizado na margem interna do disco, que, após terminada a leitura dos sulcos gravados, conduz a agulha do gramofone a um sulco ou aresta circular, de forma que o braço do gramofone permaneça parado ainda que o prato do gramofone esteja girando (Figura 1). Esse sulco tem estruturas diferentes conforme à fábrica que prensava os discos e é uma característica importante para identificar os discos. É comum o sulco ser definido por duas arestas paralelas, ao invés de ser vincado na cera, como acontece, por exemplo, em discos Favorite. Pode ser chamado também de *sulco de finalização* ou *sulco de saída*, ou ainda *guia de finalização*. Em língua inglesa pode ser referido como *lead out* ou *run out groove* (IASA-Glossary, acesso em 18/06/2025).

Tipo de selo. Em regra, nos selos dos discos existe uma parte invariável, com ornamentos e escritos que se repetem em discos que trazem diferentes fonogramas, e uma parte variável, que traz as informações específicas do fonograma. O tipo de

selo é sua parte invariável, que usualmente pode ser dividida em cabeçalho e rodapé.



Figuras 1-4. Morfologia dos discos. 1 - Odeon 40.000 (SCB), borda, mostrando margem externa e aresta (seta). 2 - Disco Brazil 70.355 (SCB), detalhe da região central, mostrando aresta da margem interna (seta a) e sulco guia de finalização (seta b), reparar que o sulco guia de finalização começa no final dos sulcos gravados e conduz à aresta. 3 - Disco Odeon 121.430 (SCB), detalhe da margem interna, mostrando aresta (seta), número de série impresso e, abaixo deste, o número 4 impresso, indicando que se trata da quarta tomada de gravação do fonograma. 4 - Zon-o-phone 1.566 (SCB), detalhe do círculo central, mostrando aresta da margem interna (seta a), número de série impresso (1566), provavelmente o take de gravação (II), e a letra impressa Z (seta b) sob o selo.



Figuras 5-7. Exemplos de informações manuscritas no corpo dos discos. 5 - Odeon 108.025 (SCB), mostrando código de matriz manuscrito sob o selo (XR 558) e outro código não identificado (D 59W). 6 - Gaúcho 1.014 (SCB), mostrando número de série manuscrito sob o selo e as iniciais de Saverio Leonetti, que deve ter sido o técnico de som responsável pela gravação. 7 - Odeon 123.200 (SCB), mostrando assinatura de *Americo Jacomino Canhoto* manuscrita no círculo central do disco.

4. Proposta de normatização para transcrição de selos de discos fonográficos, com ênfase no período das gravações mecânicas brasileiras (1902-1927)

Informações do selo

Primeiramente deve-se considerar de duas naturezas as informações presentes no selo dos discos: (a) informações invariáveis, que são características de um determinado tipo de selo e incluem textos e ornamentações gráficas; (b) informações variáveis, que são específicas de um fonograma, consistindo normalmente do título e gênero da composição gravada, intérprete e mais raramente autor e algum tipo de categoria de repertório.

A proposta é que toda a informação específica presente no selo seja transcrita, mantendo a ortografia da época e incluindo eventuais erros de escrita e tipografia, que devem ser ressaltados com a expressão *sic* entre colchetes.

Para uma interpretação correta principalmente dos títulos, é necessário ficar atento à escrita antiga, ainda impregnada de referências de época e palavras e gírias usadas no século XIX que foram caindo em desuso ao longo do século XX.

É coerente que a transcrição seja feita na sequência natural de leitura, ou seja, de cima para baixo, da esquerda para a direita. Propõe-se que cada linha transcrita seja separada por uma barra oblíqua dupla.⁷

É importante ficar atento às palavras iniciadas com letra maiúscula e palavras inteiramente escritas em caixa alta e manter a formatação na transcrição. É possível reproduzir outros tipos de formatação de palavras, como negrito, itálico, sublinhado e mesmo, em alguns casos, o tamanho dos caracteres, mas é necessário avaliar a relação custo/benefício desta opção.

Em regra, as informações escritas nos selos são formatadas de forma centralizada, sendo necessário indicar os casos e que a formatação foge a esse padrão. É sugerido o sinal gráfico subtraço (o mesmo que *underline*) à direita para indicar formatação alinhada à esquerda e subtraço à esquerda para indicar formatação alinhada à direita.⁸

Ao transcrever as informações do selo, é importante que o tipo de selo seja informado. Para isto foi necessário desenvolver uma tipologia de selos, conforme proposto abaixo para os discos brasileiros da fase das gravações mecânicas. Desta forma, tendo o tipo de selo definido e as informações específicas fielmente reproduzidas, é possível recriar o selo de forma aproximada, a partir da transcrição.

É muito comum a necessidade de examinar selos com variados tipos de danos e é importante que os danos sejam descritos. Propõe-se que as partes a serem transcritas que estejam pouco legíveis, tornando a leitura duvidosa, sejam seguidas de uma interrogação entre colchetes, e quando de todo não for possível a leitura de um conjunto de letras, uma palavra ou um conjunto de palavras propõe-se substituir o trecho por três pontos entre colchetes: [...].⁹

Se for de interesse, trechos do selo ilegíveis ou pouco legíveis podem ser reconstituídos com base em algum elemento que deve ser justificado junto à transcrição, por exemplo: (a) comparação com outros discos, (b) probabilidade em função dos trechos disponíveis, (c) introdução falada.

Por fim, é necessário considerar que existe certo grau de subjetividade no exame dos discos e é esperada uma diferença dos resultados dependendo do equipamento utilizado para observação. Assim, um trecho ilegível para uma pessoa pode ser legível para outra, ou pode passar a ser legível caso se utilize, por exemplo,

⁷ Segundo a norma culta da língua portuguesa a barra oblíqua dupla é utilizada para separar estrofes de poemas escritos seguidamente na mesma linha, enquanto a barra oblíqua simples é utilizada para separar versos.

⁸ Ver exemplo abaixo de análise se um disco Favorite (Figura 1.8).

⁹ A normatização para transcrição de manuscritos paleográficos convencionou que as palavras ilegíveis sejam indicadas com a palavra “ilegível” grifada e entre colchetes: [ilegível] (Berwanger & Leal, 2008, p. 101). Porém no caso da transcrição de selos de discos, a inserção de uma palavra pode gerar ambiguidade, além de poder ficar excessivamente repetitivo a palavra “ilegível” no caso de selos muito danificados.

uma lupa de potência mais elevada para observação. De qualquer forma, é importante que trechos do selo que estejam danificados ou que sejam de difícil leitura sejam indicados. Alguns exemplos de análises de discos com danos comuns são fornecidos nas Figuras 8-11.

Informações do corpo do disco

Toda a informação impressa e manuscrita na massa, tanto nas margens internas como no círculo central, sob selo, deve ser observada cuidadosamente e transcrita, deixando clara a sua localização no corpo do disco. Muitas vezes é importante ficar atento à caligrafia dos manuscritos e lançar mão de técnicas de grafoscopia para identificação da sua autoria.

Informações acrescentadas ao disco

É comum encontrar etiquetas adesivas coladas sobre os selos dos discos. Normalmente essas etiquetas são de interesse, sobretudo quando datam da época da circulação comercial original dos discos, tais como etiquetas de lojas, de direitos autorais ou selos fiscais. Muitas vezes pode ser interessante observar e descrever o conteúdo dessas etiquetas.

Escritos feitos a caneta ou a lápis no selo, ou mesmo inscritos a estilete, por antigos usuários são frequentemente observados. Em geral são de menor importância, mas de qualquer forma, pode ser interessante descrevê-los, por exemplo, para reconhecer o disco ou caracterizar seu estado geral de conservação.

Informações gravadas no fonograma (áudio)

A maioria dos discos brasileiros da fase mecânica possuía uma introdução falada, anunciando usualmente o título da música, o nome do intérprete e, mais raramente, outras informações. Se for possível ter acesso ao fonograma, é de grande interesse que a introdução falada seja transcrita.



Figuras 8-11. Exemplos de discos com selos danificados. 8 - Favorite 1-454.014 (IMS). 2 - Disco Brazil 70.489 (IMS). 3 - Zon-o-phone 1.651 (NIREZ / IMS). 4 - Odeon 40.169 (IMS) (fotografias e áudios disponíveis em: <https://discografiabrasileira.com.br/>)

Exemplo 1: Favorite 1-454.014 (IMS) (Figura 8)

Transcrição: Bra[...] // _ Flute // [...]au [...]m curso // por Cl[...] [...]veira // RIO DE [...]O. // 1-454[...]

Tipo de selo: Favorite vermelho e branco.

Introdução falada: “*Saudades de um curso, valsa, pelo Clementino de Oliveira, para a Casa Faulhaber, Rio de Janeiro*” (Discografia Brasileira, online, acesso em 17/02/2024).

Número de série: 1-454.014 (seta a).

Código de matriz: 11428-O- (seta b).

Uma reconstituição das informações do selo pode ser proposta com base na introdução falada:

Bra[zi]l_ // _ Flute // [S]au[dades de u]m curso // por Cl[ementino de Oli]veira // RIO DE [JANEIR]O. // 1-454[014].

É interessante reparar o uso do subtraço (underline) para localizar informação não centralizadas, restritas à metade esquerda ou direita do selo. Os discos Favorite geralmente traziam categorias de repertório ou definição de instrumentos solistas no selo, neste caso está definido *Flute*.

Exemplo 2: Disco Brazil 70.489 (IMS) (Figura 9)

Transcrição: [...] Caixeiral // Joaõ [sic] Barbosa // No. 70489

Tipo de selo: Brazil.

Introdução falada: “*Fênix Caixerai, Disco Brazil*” (Discografia Brasileira, online, acesso em 18/02/2024).

O disco traz um discurso de teor trabalhista sobre a profissão caixeiro. O termo “caixeiro” caiu em desuso e designa o atendente de balcão em uma casa comercial. Aparentemente o título dado ao discurso faz referência à associação beneficente Phenix Caixeiral, estabelecida na cidade de Fortaleza entre 1891 e 1979 (SILVA, 2008) ou outra associação semelhante de mesmo nome. Provavelmente o título escrito no selo do disco teria a grafia antiga e a transcrição reconstituída poderia ser da seguinte forma:

[Phenix] Caixeiral // Joaõ [sic] Barbosa // No. 70489

É interessante lembrar que a informação colocada entre colchetes é uma inclusão inferida com base em alguma fonte e em geral carrega certo grau de incerteza.

Em relação a introdução falada, foge do escopo da metodologia aqui proposta normatizar sua transcrição. De qualquer forma, neste caso ambas as opções parecem coerentes, o uso da grafia antiga ou a transcrição baseada na escuta.

Exemplo 3: Zon-o-phone 1.651 (NIREZ) (Figura 10)

Transcrição: [...]AUDOZA (Polka) // Flauta [...] // [...]o Maestro A[...] // [...] // [...]o. 1651.

Tipo de selo: Zon-o-phone (com patente).

Número de série impresso na margem interna: 1651.

Introdução falada: “*Saudosa, polca de flauta, tocada para a Casa Edison do Rio de Janeiro*” (Discografia Brasileira, online, acesso em 18/02/2024).

Comparando-se o presente disco com o disco Zon-o-phone 1652 (Figura 13), pode ser proposta a seguinte reconstituição das informações do selo:

[S]AUDOZA (Polka) // Flauta [executada] // [pel]o Maestro A[SSIS] // [Rio de Janeiro] // [N]o. 1651.

Este é um exemplo em que a comparação entre selos permite uma reconstituição das informações.

Exemplo 4: Odeon 40.169 (IMS) (Figura 11)

Transcrição: A vaccina obrigatoria // Cantada pelo // MARIO // No. 40169
 Tipo de selo: Odeon Record laranja.
 Número de série: 40.169.
 Código de matriz: Rx - 17.
 Introdução falada: “A vacina obrigatória, cantad[o] pelo senhor Mario para a Casa Edison, Rio de Janeiro” (Discografia Brasileira, online, acesso em 18/02/2024).

O selo está desbotado e com partes pouco legíveis. Esse dano pode ser descrito com alguma precisão utilizando sobrepondo imaginariamente os ponteiros de um relógio sobre o disco¹⁰, desta forma poderia se dizer: há perda de pigmentação especialmente na faixa marginal inferior e esquerda, mais ou menos entre 20 a 50 minutos, atingindo boa parte das informações específicas do fonograma.

5. Implicações para a curadoria de coleções

Se não apenas o fonograma, mas o disco em sua materialidade é considerado como fonte de pesquisa, é interessante que responsáveis por acervos fonográficos de pesquisa pensem em estratégias de disponibilização dos discos ou de imagens dos discos. Segundo este ponto de vista, é incompleto um projeto que vise à digitalização de fonogramas, mas que ignore que em alguns casos é necessário para o pesquisador o exame dos exemplares, e das informações neles contidas. Mas cabe lembrar que os discos de 78 rpm são frágeis e, o seu acesso físico livre significa expor o acervo a certos riscos. Além disso, permitir acesso a um acervo fonográfico demanda recursos humanos para atendimento do pesquisador, assim como local adequado para exame dos discos. Assim, o fornecimento, junto com o fonograma digitalizado, de imagens do selo e do corpo do disco, assim como de uma transcrição completa das informações presentes nos discos, conforme proposto neste trabalho, é uma estratégia que elimina em grande parte a necessidade do exame *in loco* dos exemplares.

Outro ponto que deve ser avaliado, considerando-se a materialidade do disco como fonte de pesquisa, é a noção de exemplar em duplicata. Ainda que dois discos registrem o mesmo fonograma, é necessário examinar cuidadosamente o selo e o corpo de cada um para avaliar se, de fato, são idênticos. O mesmo deve ser considerado para discos com grandes áreas danificadas, mesmo nas partes gravadas. O disco, como argumentamos aqui, não é apenas o fonograma. O selo, mesmo em um disco parcial ou totalmente irreproduzível, pode ser de grande importância como documento, e não deve ser descartado sem uma avaliação criteriosa.

¹⁰ Entrei em contato com esse recurso em conversas com pesquisadores e colecionadores europeus, nunca vi o uso no Brasil, mas é um recurso interessante.

Etiquetas adesivas coladas no selo do disco muitas vezes cobrem informações relevantes. Porém, adesivos da época de circulação comercial original dos discos, como etiquetas de lojas e selos fiscais, não devem em princípio ser retirados, pois são informativos. Se houver interesse em retirar tais adesivos para examinar o que há sob eles, é aconselhável guardá-los em condições adequadas junto ao disco.

6. Tipologia de selos de discos

Os principais tipos de selos dos discos fonográficos brasileiros da fase de gravações mecânicas são listados, ilustrados e nomeados a seguir; também são fornecidas breves diagnoses de cada tipo de selo, ressaltando as características distintivas mais significativas.

Para se nomear os tipos de selos foram utilizados critérios morfológicos, na seguinte ordem de importância: (1) marca; (2) cor predominante; (3) cor predominante dos textos e ornamentos; (4) outras características distintivas, que foram separadas do restante do nome com um hífen ou colocadas entre parênteses. Dessa forma, quando uma marca tem apenas um tipo de selo como os discos Brazil, o selo pode ser nomeado apenas como *Brazil*. A marca Imperador, da fábrica Brasilphone, possui apenas dois tipos de selos que podem ser facilmente distinguidos pela variação de cor, então os tipos de selos podem ser nomeados como *Imperador preto* e *Imperador azul* (Figuras 70-71), mas os últimos fonogramas lançados com esse último tipo foram gravados com tecnologia elétrica e isso aparece escrito no selo, então pode-se reconhecer a variante Imperador azul - gravação elétrica. A Casa Faulhaber lançou discos nos selos *Favorite vermelho e branco* e *Favorite roxo*, mas é interessante se diferenciar duas variantes deste último, que foram nomeadas de *Favorite roxo - Série forte e vibrante* e *Favorite roxo - Trade Mark* (Figuras 48-51). Atribuir nomes aos selos com base em morfologia tem a vantagem de dispensar a necessidade de consultar tabelas de termos ou códigos para identificar determinado tipo de selo. A experiência de conviver com colecionadores de várias gerações, com seus saberes acumulados, sugere que nomear os selos especialmente pelas marcas e cores é uma prática comum que tem se mostrado satisfatória. No entanto, acredita-se que deve ser evitada uma taxonomia de selos demasiadamente meticulosa, com fundamentos semelhantes aos da Sistemática Biológica, que rigidamente coloca nomes em cada espécie nova descoberta baseado às vezes em pequenas minúcias. Uma proposta com esses fundamentos poderia tornar desnecessariamente burocrática e pouco atrativa uma tipologia de selos.

As gravadoras da fase acústica brasileira são brevemente contextualizadas abaixo, fornecendo local e período de funcionamento e estimativa do número de fonogramas gravados. Em seguida os principais tipos de selos produzidos por cada uma delas são listados e analisados.

Casa Edison. A Casa Edison do Rio de Janeiro, de propriedade de Fred Figner, gravou discos entre 1902 e 1927, sendo responsável por cerca de 60% dos quase dez mil discos produzidos na fase acústica brasileira. O período de circulação dos

selos foi estimado basicamente pelas datas que Santos *et al.* (1982) fornecem sobre o lançamento das séries de discos.

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Zon-o-phone laranja sem patente	Laranja, com escritos e ornamentos em prateado; margeando a borda superior do selo aparece “DISCO ZON-O-PHONE”. O nome da Casa Edison e a patente 3465 não aparecem (Figura 12). Circulou aproximadamente entre de 1902 a 1904.
Zon-o-phone laranja - com patente	Semelhante ao selo descrito acima, porém diferindo por possuir a citação da Casa Edison e a patente 3465 (Figura 13). Circulou aproximadamente entre de 1902 a 1904
Zon-o-phone preto	As gravações estrangeiras no selo Zon-o-phone foram lançadas com selo preto, com escritos e ornamentos em dourado. Era comum gravações brasileiras virem acopladas com gravações estrangeiras do outro lado do disco. Foi observado um disco brasileiro com semelhante selo preto e dourado, porém não é possível descrever maiores detalhes porque não foi feito registro do selo. Circulou aproximadamente entre de 1902 a 1904.
Odeon Record laranja	Laranja, com escritos e ornamentos em prateado; na metade parte superior aparecem “ODEON RECORD” e “INTERNATIONAL TALKING MACHINE CO.” (Figura 14). Foi o primeiro selo Odeon lançado com gravações brasileiras, também foi o mais longo e é hoje em dia o mais frequentemente observado dentre os selos de discos da Casa Edison, por que, além de ter sido usado por um longo tempo, está presente nas séries mais facilmente encontradas em coleções nos dias atuais, sendo predominante nas séries 40.000, 108.000, 120.000 e 10.000. Circulou aproximadamente entre 1904 a 1912.
Odeon Record tricolor	Possui três faixas largas de cores verde, azul e amarelo, escritos e ornamentos em dourado; o cabeçalho é idêntico ao do <i>Odeon Record laranja</i> (Figura 15). É um selo raro, observado em discos da série 40.000 e 70.000, talvez restrito às gravações do cantor Zenatelo.
Odeon Record - disco brasileiro	Vermelho, com escritos e ornamentos em dourado; no cabeçalho aparece “DISCO BRASILEIRO ODEON”, abaixo de “INTERNATIONAL TALKING MACHINE CO.” (Figura 16). Foi usado apenas nos últimos lançamentos da série 40.000, a partir no disco Odeon 40.745. Circulou provavelmente apenas 1907, último ano da série 40.000.
Odeon Record - bandeira do Brasil	Faixa roxa marginal com “INTERNATIONAL TALKING MACHINE CO.” escrito na parte superior; faixa roxa mediana com “ODEON RECORD” escrito; parte central esverdeada ou azulada bem clara; escritos e ornamentos em dourado; é bem característica a bandeira do Brasil no semicírculo superior (Figura 17). FRANCESCHI (2002, p. 204) diz que este é um selo comemorativo da fundação da fábrica da Odeon no Brasil, usado para relançar discos da série 108.000 e menos frequentemente da série 10.000. Deve ter sido lançado em 1913, ano do começo da atuação da fábrica Odeon no Brasil.
Odeon Record laranja - Indústria brasileira	Semelhante ao selo <i>Odeon laranja</i> , apenas acrescentado de “INDUSTRIA BRAZILEIRA” no semicírculo superior (Figura 18), em referência ao fato dos discos passarem a ser prensados na

	fábrica Odeon no Brasil. Aparece nas séries 120.000 e início da série 121.000. Circulou aproximadamente de 1913 a mais ou menos 1915 ou 1916.
Odeon Record Aura Abranches e Alexandre Azevedo	O cabeçalho e o rodapé são semelhantes ao do selo <i>Odeon laranja - indústria brasileira</i> , porém o fundo é branco e as inscrições, douradas; no centro aparece retratos dos intérpretes Aura Abranches e Alexandre Azevedo. (Figura 19). É um selo raro, aparentemente exclusivo do pequeno conjunto de gravações que a dupla retratada no selo, ou apenas a Aura Abranches, gravou para a série 120.000.
Odeon Record vermelho e branco - Indústria brasileira	Semelhante ao <i>Odeon Record laranja-Indústria brasileira</i> , porém de cor vermelho, com escritos e ornamentos em branco (Figura 20). Foi observado apenas na série 137.000, que circulou aproximadamente entre 1913 e 1914.
Odeon Record azul e branco - Indústria brasileira	Semelhante ao <i>Odeon Record vermelho e branco - Indústria brasileira</i> , porém a cor de fundo é azul. Da mesma forma que o selo mencionado, foi observado apenas na série 137.000.
Odeon Record vermelho e dourado - Indústria brasileira	Semelhante ao <i>Odeon Record laranja-Indústria brasileira</i> , porém vermelho com escritos e ornamentos em dourado (Figura 21). Foi observado em discos da série 9.000. Ressalta-se que essa série é desconhecida até então, não havendo referências sobre ela até então na literatura.
Odeon vermelho e dourado (aro fino)	Vermelho, com escritos e ornamentos em dourado, há uma linha formando um aro que margeia todo selo do disco; a marca "Odeon" substitui "Odeon Record", não aparece mais a indicação "International Talking Machine Co." (Figura 22). Esse selo surge na série 121.000, substituindo o <i>Odeon laranja-indústria brasileira</i> que ainda é presente no início da série, e marca mudanças profundas que passam a ser presentes nos selos posteriores. O aro fino que aparece ao redor do selo pode ser utilizado como diagnóstico para separar este selo dos selos da subsequente série 122.000, que possuem o aro formado por uma linha mais larga. Circulou mais ou menos de 1916 a 1921.
Odeon azul (aro fino)	Semelhante ao anterior, porém a cor de fundo é azul marinho escuro (Figura 23). Estes dois selos predominaram na série 121.000, aparentemente o selo vermelho era colocado nos primeiros lançamentos e o selo azul indicava uma reprensagem do disco. Circulou mais ou menos de 1916 a 1921.
Odeon marrom e dourado (aro largo)	Os discos da série 122.000, lançada entre 1921 e 1925, diferem dos selos predominantes na série 121.000 por possuir o aro ao redor do selo mais largo e uma multiplicidade de cores; além disso, eles variam em detalhes, como possuir "INDUSTRIA BRASILEIRA" ou "PATENTE 3465" em torno da logomarca (Figuras 24-29). A diversidade de cores dos selos dessa série e o significado delas ainda precisam ser descritos com base no exame de um grande número exemplares, por isso os tipos selos desta série não foram tratados aqui individualmente. Esse mesmo padrão de selo da série 122.000 chega ao início da subsequente série 123.000, a partir de 1925. Contudo, em todos os discos observados dessa última série os selos com esse
Odeon vermelho e branco (aro largo)	
Odeon azul claro e dourado (aro largo)	
Odeon azul marinho e dourado (aro largo)	
Odeon vermelho escuro e dourado (aro largo)	

Odeon laranja e prateado (aro largo)	padrão são de cor marrom escuro (Figura 30), exceto por um único disco com selo azul claro – o Odeon 123.086/123.087, do tenor italiano Guido Agnoletti (Figura 31)
Odeon azul escuro - meio anel largo na base	Azul escuro, às vezes quase preto, com escritos e ornamentos em dourado; uma faixa larga define uma semicircunferência em toda a metade inferior do selo, onde há informações escritas; a marca Odeon está junto à linha mediana que divide o selo em duas partes faz o limite da semicircunferência (Figura 32). Esse selo surge na série 123.000 e marca um padrão novo de selo muito distinto dos anteriores e que chega nos discos Odeon da fase elétrica. Circulou em aproximadamente de 1925 a 1927.
Odeon azul claro - meio anel largo na base	Semelhante ao selo anteriormente citado, porém de cor azul clara. É pouco frequente, só foi observado em relançamentos de discos da série 122.000.
Odeon azul escuro - Transoceanic Trading Company	Não há mais um aro ao redor do selo, nem a indicação <i>Fábrica Odeon Rio de Janeiro</i> na parte superior do selo; no rodapé aparece <i>Manufacturado pela Transoceanic Trading Company</i> (Figura 33).
Odeon azul claro - Transoceanic Trading Company	Semelhante ao selo anteriormente citado, porém de cor azul clara (Figura 34). É pouco frequente, só foi observado em relançamentos de discos da série 122.000.
Odeonette	Semelhante ao selo <i>Odeon azul escuro - meio anel largo na base</i> , porém com menos informações escritos; a marca Odeonette substitui a marca Odeon. Esse selo foi usado apenas em uma pequena série de discos de 19 cm de diâmetro lançada presumivelmente em 1927 (Figura 35).

Columbia. A empresa norte americana Columbia Phonograph gravou cerca de 800 fonogramas no Brasil, aparentemente todos no Rio de Janeiro, que foram prensados em discos nos Estados Unidos lançados por volta de 1908 a 1912 (Santos *et al.*, 1982, p. 387).

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Columbia - disco Brasileiro	Lilás, com informações em dourado; margeando o selo na metade superior do selo aparece “DISCO BRAZILEIRO” (Figura 36). Foi o primeiro selo da Columbia no Brasil, usado nas séries 11.000 e 12.000 de discos unifaciais de 25 cm de diâmetro. Foi lançado por volta de 1908.
Columbia verde	Verde, escrito predominantemente em dourado, mas também em branco (Figura 37). Foi usado para relançar em discos duplos os fonogramas lançados originalmente nas séries 11.000 e 12.000. Aparentemente começou a circular aproximadamente a partir de 1912.
Columbia azul	Similar ao <i>Columbia verde</i> , porém com fundo azul. Foram observadas pequenas variações nas informações escritas no rodapé (Figura 38). Assim como o <i>Columbia verde</i> , este selo foi usado para relançamentos de fonogramas lançados nas séries 11.000 e 12.000, mas aparentemente foi lançado depois do selo <i>Columbia verde</i> , pois a numeração sugere que tenha sido relançamentos posteriores.

Victor. A empresa norte-americana Victor Talking Machine Record lançou cerca de 600 fonogramas de música brasileira aparentemente entre 1908 e 1912, todos gravados no Rio de Janeiro, exceto pelas gravações de Mario Pinheiro feitas nos EUA (Santos *et al.*, 1982, p. 331).

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Victor Record (sem patente)	Preto, com escritos e ornamentos em dourado; a logomarca da Victor com o cachorro Nipper aparece na metade superior (Figura 39). Presente nas séries de discos unifaciais 98.000, de 25 cm de diâmetro, e 99.000, de 30 cm de diâmetro.
Victor Record (com patente)	Uma variante do selo descrito acima, mas que possui informações sobre patentes no rodapé (Figura 40). Aparentemente está presente nas mesmas séries e mesma época do selo anteriormente descrito.
Victor	Preto, com escrito e ornamentos em dourado; a marca <i>Victor Record</i> é substituída por <i>Victor</i> (Figura 41). Está presente nos discos Victor que o grupo Oito Batutas gravou em Buenos Aires em março de 1923 e em séries de relançamentos em discos duplos dos fonogramas originalmente lançados na série 98.000.

Disco Brazil. Os discos Brazil foram lançados pela Casa A Exposição, de propriedade de Gabriel Augusto Soares, por volta de 1911 a 1914 (Santos *et al.*, 1982, p. 408, Franceschi, 1984, p. 81-82). Os discos foram gravados no Rio de Janeiro e prensados pela empresa alemã Beka Record, de Berlim (Buys, 2024). A Casa A Exposição era uma loja de variedade situada no centro da cidade do Rio de Janeiro. Os pouco mais de 400 fonogramas gravados foram lançados em discos unifaciais, embora alguns raros exemplares com dois lados gravados tenham disco encontrados.

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Disco Brazil	Dividido em dois semicírculos, um verde e outro amarelo, inscrições em preto; no cabeçalho não há uma logomarca (Figura 42). É o único selo de discos Brazil conhecido.

Casa Faulhaber. A Casa Faulhaber foi fundada no final do século XIX como loja de variedades, incluindo produtos tecnológicos importados. Lançou cerca de mil fonogramas em associação com a empresa alemã Favorite, aproximadamente entre 1912 e 1914, e algo em torno de 70 fonogramas em selo Faulhaber, em 1912, em associação com a empresa alemã Polyphon (Buys, 2023).

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Favorite vermelho e branco	Listrado de vermelho e branco; cabeçalho com nome “FAVOITE RECORD” em linha curva próximo à margem superior e um brasão da República escritas em dourado, demais informações do selo escritas em preto (Figura 48). Circulou aproximadamente de 1912 a 1914.
Favorite roxo	Roxo, às vezes azulado, com textos e ornamentos escritos em branco; cabeçalho com estrelas de cinco pontas central e várias estrelas menores ao redor; “FAVOITE RECORD” em linha curva próximo à margem superior (Figura 49). Circulou aproximadamente de 1912 a 1914.

Favorite roxo - série forte e vibrante.	Semelhante ao selo <i>Favorite roxo</i> , porém “Serie forte e vibrante” aparece na base do semicírculo superior do selo (Figura 50). Aparece em poucos discos de música brasileira gravados em Hamover, na Alemanha, em 1910.
Favorite roxo - Trade Mark	Semelhante ao selo <i>Favorite roxo</i> , porém “TRADE MARK” aparece na base do semicírculo superior do selo (Figura 51). Aparece em poucos discos de música brasileira gravados em Hamover, na Alemanha, em 1910.
Favorite vermelho	Vermelho, escritos e ornamentos em dourado; cabeçalho com estrelas de cinco pontas central e várias estrelas menores ao redor; “FAVOITE RECORD” em linha curva próximo à margem superior (Figura 52). Foi observado em discos lançados pela Casa Faulhaber, mas apenas com gravações estrangeiras.
Faulhaber	Marrom, escritos e ornamentos em dourado; “DISCO FAULHABER” aparece em linha curva próximo da margem superior (Figura 53). Circulou por volta de 1912.

Discos Phoenix. Os discos Phoenix foram primeiros produzidos pela Casa Edison de São Paulo, de propriedade de Gustavo Figner (irmão e ex-sócio de Fred Figner) em associação com a empresa alemã Beka Record. Cerca de 350 fonogramas foram gravados no Rio de Janeiro e em São Paulo e lançados em 1914. Com as turbulências da primeira guerra mundial, a associação entre Gustavo Figner e a Beka foi rompida e o selo Phoenix passa a ser prensado pela Casa A Electrica de Porto Alegre, de propriedade de Saverio Leonetti, que faz dele basicamente uma marca para relançamento de discos porto-alegrenses e argentinos no mercado paulista (Buys, 2024).

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Phoenix - Beka	Vermelho, escritos e ornamentos em dourado; na metade superior há o desenho de uma fênix de asas aberta, sobre o fogo; “DISCO PHOENIX” aparece margeando a borda superior do selo (Figura 44). Este selo foi utilizado nos discos produzidos pela Casa Edison de São Paulo em associação com a empresa alemã Beka, na série 70.000. Aparentemente circulou apenas em 1914. Este selo é muito semelhante ao selo Beka utilizado na mesma época para lançar gravações na Europa (Figura 66), como a destacável série 48.000, de música predominantemente portuguesa e que lançou gravações de Arthur Castro em Portugal. Este mesmo padrão foi utilizado em vários selos da Casa A Electrica (ver, por exemplo, Figuras 63 e 65).
Phoenix - Casa A Electrica (padrão Beka)	Semelhante ao <i>Phoenix - Beka</i> , diferindo apenas por ser fabricado pela Casa A Electrica, de Saverio Leonetti, conforme escrito no rodapé (Figura 45).
Phoenix - Casa A Electrica	Semelhante aos selos descritos anteriormente, mas diferindo claramente pela forma da linha mediana (Figura 46). Circulou aproximadamente entre 1915 a 1919.
Phoenix - Casa A Electrica (fábrica fonográfica União)	Difere do selo <i>Phoenix - Casa A Electrica</i> pela indicação fábrica phonographica União (Figura 47). Circulou a partir de 1919, quando a fábrica fonográfica União foi inaugurada, até 1923, quando a Casa A Electrica entrou em falência.

Casa A Electrica. A Casa A Electrica foi fundada como loja de variedades por Saverio na cidade de Porto Alegre e produziu discos 1913 até 1923, quando entrou em falência (Vedana, 2006). Todos os discos tinham 25 cm de diâmetro e eram discos duplos ou unifaciais. Devido a primeira guerra mundial, em 1914, houve uma crise na indústria fonográfica sul-americana e a Casa A Electrica, que possuía uma fábrica de discos fundada em 1913, passou a prensar discos gravados em Buenos Aires em associação com empresários argentinos, especialmente Alfredo Amendola, para ser vendidos na Argentina e no Uruguai. A associação entre Savério Leonetti com esses empresários ainda é pouco conhecida, assim como os selos para a exportação impressos pela Casa A Electrica. Uma amostra destes selos, das marcas Atlanta, Era, Criollo e Tele-phone são ilustrados Figuras 60-65.

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Gaúcho rosa	Rosa, com inscrições em azul escuro; no semicírculo superior predomina a imagem de um gaúcho montado em um cavalo, com um cachorro ao lado; “Disco Gaucho” aparece próximo a linha mediana (Figura 54). Este selo foi usado nos primeiros discos com selo Gaúcho, lançados em 1914, com gravações brasileiras da série 70.000 e gravações estrangeiras de distintas séries da Beka ¹¹ . O padrão gráfico do selo é uma modificação do utilizado em discos argentino da marca Era, também produzidos pela empresa alemã Beka, que por razões ainda não definidas, aproveitou o selo.
Gaúcho tricolor - Leonetti & Cia	Verde, amarelo e vermelho, escrito em preto ou azul; a imagem de um gaúcho aparece em destaque na metade superior do selo; “Disco Gaucho” aparece próximo a linha mediana (Figura 55). É claramente uma modificação do selo inicial <i>Gaúcho rosa</i> , criada depois do rompimento entre a empresa alemã Beka e a Casa A Electrica, que passou a prensar seus discos no Brasil.
Gaúcho tricolor - S. Leonetti	Variação do selo descrito acima em que “Leonetti & Cia”, escrito no canto direito, é substituído por “S. Leonetti”, depois do rompimento de Saverio Leonetti com o irmão Emilio.
Gaúcho preto e branco	Semelhante ao selo <i>Gaúcho tricolor</i> , porém com branco, com escritos e ornamentos em preto, às vezes preto azulado (Figura 58).
Gaúcho vermelho	Vermelho, com inscrições douradas; “DISCO GAUCHO” aparece próximo a margem superior; o desenho do gaúcho presente em outros selos, está ausente (Figura 59).
Apollo	Marrom avermelhado, com escritos e ornamentos em dourado; “DISCO APOLLO” aparece bordeando a margem superior. Este selo foi produzido pela Beka para relançar em discos duplos as gravações iniciais da Casa A Electrica lançadas originalmente em discos simples com selo <i>Gaúcho rosa</i> .

Fábrica Popular. A Fábrica Popular funcionou aproximadamente entre 1919 a 1921 no Rio de Janeiro, sendo um dos seus proprietários João Gonzaga, marido da renomada maestra e compositora Chiquinha Gonzaga. São conhecidas apenas cerca de quatro dezenas de discos produzidas por essa empresa (Santos *et al.*, 1982, p. 412).

¹¹ Para associação da empresa Beka com o Casa A Electrica ver Buys (2024).

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Popular vermelho e branco	O selo é vermelho e branco, com inscrições nessas mesmas cores; na metade superior aparece o desenho de uma clave de sol e “DISCO POPULAR” escrito em linha curva bordeando a margem do selo (Figura 67). Este tipo de selo só foi observado no disco Popular 1000/1001.
Popular vermelho	Vermelho, escritos e ornamentos em dourado; é muito similar ao selo <i>Popular vermelho e branco</i> , sendo a diferença fundamental as cores (Figura 68).
Jurity	Semelhante ao selo <i>Popular vermelho</i> , diferindo apenas pela marca “DISCO JURITY” substituir “DISCO POPULAR” (Figura 69).

Fábrica Brasilphone. A fábrica Brasilphone foi estabelecida em São Paulo por volta de 1927, no período de transição entre a fase das gravações mecânicas e elétricas. Lançou gravações mecânicas com a marca Imperador e gravações elétricas com a marca Brasilphone. Os discos Imperador tinham 25 cm de diâmetro e eram gravados dos dois lados, até o momento se conhecem cerca de 100 fonogramas lançados, todos na série 1000.

Tipo de selo	Diagnose e comentários
Imperador preto	Fundo preto e inscrições em dourado; na metade superior há o desenho de uma coroa. No semicírculo superior há uma coroa com quatro pontas e as inscrições Imperador disco (Figura 70). Este tipo de selo foi observado com maior frequência do que o <i>Imperador azul</i> . Circulou por volta de 1927.
Imperador azul	Similar ao <i>Imperador preto</i> , porém com fundo azul (Figura 71). Circulou por volta de 1927.



Figuras 12-17. Selos da Casa Edison (1902-1913). 12 - Zonophone (sem patente) (1902-1904) (SCB). 13 - Zonophone (com patente) (1902-1904) (NIREZ). 14 - Odeon Record laranja (1907) (SCB). 15 - Odeon Record tricolor (IMS). 16 - Odeon - Disco brasileiro (SCB). 17 - Odeon - bandeira do Brasil (SCB).



Figuras 18-21. Selos da Casa Edison (aproximadamente 1913 -1921). 18 - Odeon Record laranja - Indústria brasileira (IMS). 19 - Odeon Record - Aura Abranches e Alexandre Azevedo (IMS). 20 - Odeon Record - vermelho e branco (IMS). 21 - Odeon Record vermelho e dourado (SCB). 22 - Odeon vermelho e dourado (aro fino) (SCB). 23 - Odeon azul e dourado (aro fino) (SCB).



Figuras 24-29. Selos da Casa Edison, série 122.000 (aproximadamente 1921 a 1926). 24 - Odeon marrom e dourado (aro largo). 25 - Odeon vermelho e prateado (aro largo). 26 - Odeon azul claro e dourado (aro largo). 27 - Odeon azul marinho e dourado (aro largo). 28 - Odeon vermelho e dourado (aro largo). 29 - Odeon laranja e prateado (aro largo).



Figuras 30-35. Selos da Casa Edison, série 123.00 (aproximadamente 1925 a 1927). 30 -Odeon marrom e dourado (aro largo). 31 - Odeon azul marinho e dourado (aro largo). 32 - Odeon azul escuro - meio anel largo na base. 33 - Odeon

azul escuro - Transoceanic Trading Company. 34 - Odeon azul marinho - Transoceanic Trading Company (relançamento da série 122.000). 35 - Odeonette.



Figuras 36-41. Selos Columbia e Victor. 36 - Columbia - Disco Brasileiro (SCB). 37 - Columbia verde (IMS). 38 - Columbia azul (IMS). 39 - Victor Record (SCB). 40 - Victor Record (com patente) (SCB). 41 - Victor (SCB).



Figuras 42-47. Selos de discos Phoenix (aproximadamente 1913-1923). 42 - Disco Brazil (SCB). 43- Disco Apollo (SCB). 44 - Phoenix - Beka (IMS). 45 - Phoenix - Casa A Electrica (padrão Beka) (IMS). 46 - Phoenix Casa A Electrica (IMS). 47 - Phoenix - Casa A Electrica (Fábrica União) (IMS).



Figuras 48-53. Selos da Casa Faulhaber (aproximadamente 1910-1914). 48 – Favorite vermelho e branco (SCB). 49- Favorite roxo (SCB). 50 – Favorite roxo - série forte e vibrante (SCB). 51 - Favorite - Trade mark (SCB). 52 – Favorite vermelho (SCB). 53 - Faulhaber (IMS).



Figuras 54-59. Selos da Casa A Electrica. 54 - Gaúcho rosa (SCB). 55 - Gaúcho tricolor - Leonetti & Cia. 56 - Gaúcho tricolor - Saverio Leonetti (SCB). 57 - Gaúcho tricolor - Leonetti & Cia (sem tarja branca) (SCB). 58 - Gaúcho azul e branco (SCB). 59 - Gaúcho vermelho (SCB).



Figuras 60-65. Selos da Casa A Electrica produzidos para exportação. 60 - Atlanta Verde, vermelho e branco (SCB). 61 - Atlanta - Astor Bolognini (cópia de uma fotografia da coleção do colecionador argentino Hector Lucci). 62 - Tele-phone verde e branco (SCB). 63 - Tele-phone vermelho dourado. 64 - Era azul e branco. 65 - Criollo.



Figura 66-71. 66 - Selos Beka, Fábrica Popular (1919-1921) e Imperador (1927). Beka vermelho e dourado (IMS). 67 - Popular vermelho e branco (IMS). 68 - Popular vermelho e dourado (IMS). 69 - Jurity (IMS). 70 - Imperador preto. 71 - Imperador azul.

Agradecimentos

Agradeço a Maya Suemi Lemos, Susana Sardo e Bia Paes Leme pela leitura crítica do manuscrito. Este trabalho é parte da tese de doutorado intitulada “Casa Faulhaber (1910-1914): um estudo de caso sobre fonografia no Brasil e a fundamentação do projeto Discografia Brasileira – Os Pioneiros”, defendida no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO) em julho de 2025, e contou com apoio do Instituto Moreira Salles.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. NBR 10.520, p. 1-7. Rio de Janeiro, 2002.

BARR, Steven C. *The almost complete 78 rpm record dating guide*. Huntington Beach: Yesterday Once Again Press, 1992.

BERWANGER, Ana Regina & LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 3ª edição revista e ampliada. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

BUYS, Sandor Christiano. A Casa Faulhaber: uma experiência pioneira da indústria fonográfica brasileira (1910-1914). In: Anais do XXXIII Congresso da ANPPOM, São João Del Rey, 2023, p. 1-17.

BUYS, Sandor Christiano. *Discos Phoenix* (Discografia Brasileira – Os Pioneiros, volume I). Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2024.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *Registro sonoro por meios mecânicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1984.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapui, 2002.

SANTOS, Alcino; BARBALHO, Grácio; SEVERIANO, Jairo & AZEVEDO (NIREZ), Miguel Ângelo. *Discografia brasileira – 78 rpm (1902-1964)*. 5 volumes. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. A “Phenix Caixeiral” (1891-1979) e como desapareceram dois testemunhos importantes da história de Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*, 122: 9-44, 2008.

SILVEIRA, Nei Inácio da (organizador). *Fundo Humberto Franceschi (W3): catálogo do acervo sonoro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

SUTTON, Allan. *American record companies and producers, 1888 – 1950: an encyclopedic history*. 2ª edição. Highland Ranch: Mainspring Press, 2025.

VEDANA, Hardy. *A Eléctrica e os Discos Gaúcho*. Porto Alegre: s.c.p., 2006.

